



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

RIO DE JANEIRO, 5 DE AGOSTO DE 1960.

AO INAUGURAR, NO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, A EXPOSIÇÃO "CINCO SÉCULOS DE HISTÓRIA MARÍTIMA".

821 Esta Exposição, organizada em honra do Infante de Sagres, corresponde a um dos atos oficiais com que o Brasil participa das comemorações henriquinas.

822 Ao determinar que se executasse no País um adequado programa de homenagem ao quinto centenário do glorioso criador do ciclo náutico português, quis o Presidente da República dar a essas celebrações para as quais devia voltar-se a atenção do mundo — o ca-

ráter nacional que lhes competia. Não as considerou alheias ou externas em relação ao quadro da nossa cultura e à tradição brasileira. Ao contrário, nelas viu uma reafirmação oportuna de unidade de espírito e vínculo histórico, que nos identifica com as velhas glórias de Portugal.

O que somos, em nossa grandeza e em nossa soberania, tem a sua origem no heroísmo daquêles nautas que o Infante adestrou em Sagres para a conquista dos mares. 823

Com êle, em verdade, começa o mundo moderno. As naus henriquinas inauguraram uma nova geografia, que derogava a geografia medieval. Onde a credulidade antiga colocara a impossibilidade da vida humana, aí colocaram as caravelas portuguêsas novos horizontes de cultura, que se rasgaram com a presença da cruz de Cristo. 824

Ao longo dêstes quadros e dêstes mostruários, vemos o amanhecer de nossa História e o seu desdobramento na história marítima brasileira, de tal modo que a iniciamos e concluimos, na fixação de seus heróis simbólicos, com o Infante Dom Henrique e o Almirante Tamandaré. 825

Não perdemos o fio admirável da epopéia das caravelas henriquinas e só pode constituir para nós motivo de orgulho situar no heroísmo dos maiores marinheiros da História a origem dos nossos próprios heroísmos. 826

O Museu Histórico Nacional, coordenando nesta sala os documentos representativos dêsse passado e dessa presença heróica, alcança o propósito de evocação patriótica que se acomoda na sua função essencialmente educativa. 827

- 828 Como uma página informativa de antigo flori-légio, vemos o passar e o repassar das imagens de outrora, admiravelmente desdobradas no presente brasileiro.
- 829 Foram os frágeis barcos do Infante sábio que transpuseram as fronteiras da geografia clássica, dando a Portugal as chaves da África e da Ásia. Das caravelas cristãs nasceu o império dos missionários com o desdobramento da humanidade para os climas ignorados dos gregos e dos latinos. No seu itinerário estavam as utopias de paragens paradisíacas e as ásperas regiões que desafiaram as qualidades admiráveis da raça cheia de fé e bravura, dessa valentia e dessa abnegação que fazem os milagres da Civilização moral.
- 830 Adivinhou o Infante Dom Henrique a intercomunicação dos hemisférios, no segredo de seus roteiros oceânicos. Estendeu pela imensidade das águas o olhar sonhador, e descortinou profeticamente o relevo do mundo; resolveu os problemas fundamentais da nova economia tropical; ligou os antípodas pela bendita empresa da aproximação dos povos, suprimindo-lhes idealmente as distâncias; repôs no comércio das culturas o centro magnético do Futuro.
- 831 As naus henriquinas, é certo, não chegaram ao Brasil; mas, devassando o Atlântico, possibilitaram esse descobrimento. Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral foram os sucessores e os discípulos do espírito de Sagres; como o rei D. Manuel e continuador feliz do Infante luminoso. Tão reconhecido se mostrou D. Manuel àquêles antecedentes, que teve o cuidado cívico de elevar a sua estátua no pórtico da Igreja magnífica dos Jerônimos, monumento por excelência dos Descobrimentos portugueses !

Seguiram-se às caravelas de Sagres as do Restêlo. 832
Com o andar do tempo as embarcações leves e airosas, que eram como gaivotas, se transformaram em naus soberbas, que eram como fortalezas; as naus aligeiraram-se, em fragatas, corvêtas e escunas; os veleiros cederam lugar aos vapôres; e pelos rumos do mar as naves, originárias daquelas naves, levaram a todos os portos a bandeira auriverde, como tinham levado a bandeira da Ordem de Cristo. Não se interrompeu a linhagem dos bons marujos; é uma só história, a dessa invicta marinha, que se consolida nos séculos, unindo ao promontório Sacro, de onde o Infante espreitava o horizonte misterioso, os arsenais em que hoje se batem as quilhas das nossas belonaves.

Tamandaré e Barroso sucederam aos Gil Eanes e 833
aos Fernão Velho, falando a mesma língua que Camões engrinaldou com o sublime e austero amor da Pátria. A marinha do Brasil prossegue sem desfalecimentos a história formidável da primeira frota que rasgou os caminhos da civilização nova, integrando no mundo repleto de desenganos o mundo jovem da esperança. A Exposição que tenho a honra de abrir exalta e testemunha essa grande verdade. É também um atestado solene de que o Brasil se mantém fiel aos compromissos hereditários.

A alta compreensão de quanto deve o Brasil ao 834
Infante D. Henrique é que me levou a considerar indispensável a presença de nosso País nas comemorações com que Portugal o celebra no seu quinto centenário. Tão grande é a dívida, no seu significado material e moral, que ao próprio Chefe do Govêrno cabia pessoalmente aquela representação.

Por isso, quando recebi o convite que me enviou 835
Sua Excelência o Senhor Presidente Américo Tomás, por intermédio do Embaixador especial Doutor José Caeiro da Mata, para participar das referidas comemorações em circunstâncias excepcionais, prontamente

anuí a essa distinção, certo de interpretar o mais nobre e justo sentimento brasileiro.

836

Aceitei-a não apenas para corresponder à dignidade que se oferecia ao Brasil, mas também para levar à terra portugêsa as saudações calorosas do coração luso-brasileiro às manifestações à memória do herói Navegador. Assim, comprometi-me com o Govêrno e com o povo português a comparecer às festas programadas cujo brilho, podemos adiantar, marcará época na História lusitana. Desejava, igualmente, antes de cumprir essa honrosa missão, poder levar a saudação do povo brasileiro às Nações irmãs da Argentina, Chile e Uruguai. Há muito acalentava êsse propósito, porque as nossas relações com os países do Continente e, especialmente, com os vizinhos do sul atingiram a um grau de entendimento e de colaboração sem precedente no nosso passado comum. Se, com relação a Portugal, as datas dos festejos já estavam fixadas com grande antecedência, o mesmo não ocorria com as outras visitas, o que me permitiu, após as explicações dadas aos seus respectivos Governos, propor-lhes o adiamento da minha viagem. Mas, nem por isso deixo de enviar a minha saudação aos nossos amigos argentinos, cujo digno mandatário nos deu a honra de visitar-nos ainda como Presidente eleito; aos nossos amigos chilenos, que tanta energia e bravura demonstraram diante dos cataclismos que sofreram; aos nossos amigos uruguaios, que conosco têm trabalhado em tôdas as grandes causas em que nos temos empenhado.

837

A dívida da civilização ocidental para com o Infante D. Henrique não é apenas do Brasil. É de todos os povos dêste Continente, que se incorporou ao mundo moderno graças ao caminho aberto pelas naus partidas de Sagres.

838

Inauguro esta Exposição, certo de que, neste ato, rendemos uma homenagem de expressão americana ao grande Navegador.